



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

LUIS FELIPE ARAUJO DOS REIS

O CORPO EM PSICANÁLISE

São Luís
2021

LUIS FELIPE ARAUJO DOS REIS

O CORPO EM PSICANÁLISE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão-UFMA, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel com Formação de Psicóloga.
Orientador: Me. Vinicius de Aquino Braga Ênfase: Clínica e Saúde

SÃO LUÍS
2021

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a)
autor(a).

Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

dos Reis, Luis Felipe Araujo.

O corpo em psicanálise / Luis Felipe Araujo dos Reis. -2021.
42 f.

Orientador(a): Vinicius de Aquino Braga Aquino.

Monografia (Graduação) - Curso de Psicologia,
Universidade Federal do Maranhão, São Luis, 2021.

1. Corpo. 2. Ego. 3. Imagem. 4. Narcisismo. 5.
Psicanálise. I. Aquino, Vinicius de Aquino Braga. II.
Título.

LUIS FELIPE ARAUJO DOS REIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel com Formação de Psicóloga.

Ênfase: Clínica e Saúde

Orientadora: Me. Vinicius de Aquino Braga

Aprovada em: 17/06/2021

BANCA EXAMINADORA

Vinicius de Aquino Braga

(Orientador) Mestre em Psicologia (UFMA)

Julia Maciel Soares Vasques

Doutora em Psicologia (Avaliadora)

Universidade Paris 13

Marcio Araujo Costa

Pós Doutor em psicologia (Avaliador)

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Maria da Conceição Furtado Ferreira (suplente)

Doutora em Psicologia

Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO

Dois conceitos que se apresentam como fundamentais nesse trabalho, esses são: o corpo e o ego. Meditando sobre os textos de Freud, o corpo é abordado como lugar onde reside a fonte de estímulos internos que buscam satisfação por meio de um objeto no mundo externo ou o corpo. Sobre esse aspecto a pesquisa bibliográfica buscou na literatura de Freud e Lacan escritos que se dirijam a questões do corpo e a estruturação do ego. Permitir abordar os problemas como: fundamentar o estatuto do corpo erógeno partindo da experiência freudiana na clínica com as histéricas, descrever a constituição sexual do corpo na infância, relacionar o corpo com a estruturação do ego e apresentar a teorização de Lacan sobre o estágio do espelho como organizador do ego. Apresentarmos como ocorre o processo de passagem de um “corpo de carne” para uma imagem e atributos aos quais se identifica. Nota-se que a sexualidade está ligada intimamente com a vida psíquica por meio de processos privilegiam o prazer e evitam o desprazer. A realidade pode obstruir o caminho a satisfação, assim sendo, o organismo precisa adiar a satisfação ou renunciá-la para continuar vivo. O ego, a partir da emergência de certa tendência desses investimentos econômicos sexuais por meio do corpo em determinadas zonas, estrutura-se em relação à realidade. Articulamos o corpo ao conceito de narcisismo, que indica um investimento no ego diferente do autoerotismo. Com J. Lacan nos dirigimos sobre suas considerações sobre a estruturação do ego, momento esse nomeado como estágio do espelho, tempo mítico esse onde o sujeito é apanhado no engodo apresentado pelo Outro na figura do cuidador (a) que por meio da linguagem fornece suporte para uma aposta de que ali onde há um corpo pode advir um sujeito.

Palavras-chave: Corpo; Ego; Psicanálise; Narcisismo.

ABSTRACT

Two concepts that are fundamental in this work are the body and the ego. Through Freud's texts, we understand that the body is approached as a place where the source of internal stimuli seeks satisfaction through an object in the external world or the body. On this aspect, bibliographic research searched in the literature of Freud and Lacan some writings that address issues of the body and the structuring of the ego. It allowed addressing problems such as: founding the status of the erogenous body based on Freud's experience in the clinic with hysterics, describing the sexual constitution of the body in childhood, relating the body to the structuring of the ego, and presenting Lacan's theorization about the mirror stage as the organizer of the ego. We present how the process of moving from a "body of flesh" to an image and attributes to which it identifies occurs. It is noted that sexuality is intimately linked with psychic life through processes that privilege pleasure and avoid displeasure. However, there is a reality that can obstruct the path to satisfaction, therefore, the organism needs to postpone satisfaction or renounce it to stay alive. The ego, based on the emergence of a certain tendency of these sexual economic investments through the body in certain zones, is structured concerning reality. We articulate the body to the concept of narcissism, which indicates an investment in the ego different from autoeroticism. We address J. Lacan considerations on the structuring of the ego, a moment named as the mirror stage, a mythical time where the subject is caught in the deception presented by the Other in the figure of the caregiver who, through language, provides support for a bet that where there is a body a subject can come from.

Keywords: Body; Ego; Psychoanalysis; Narcissism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 A CLÍNICA COM AS HISTÉRICAS.....	10
3 A SEXUALIDADE INFANTIL.....	15
4 O CORPO E O EGO EM FREUD	22
5 LACAN- ESTRUTURAÇÃO DO EGO.....	32
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS	40

1 INTRODUÇÃO

O trabalho é estruturado sobre as possíveis articulações e diálogos entre o que seria a corporeidade através do olhar de Sigmund Freud e Jacques Lacan e sua relação com o ego por meio da psicanálise. A escolha dos autores tem em vista que na sua escrita eles elaboram teoricamente a relação do corpo com o psiquismo. A ideia de corpo em psicanálise situa o biológico no humano articulado pelo psíquico, portanto, tem-se em vista que essa relação não aponta para uma separação radical na compreensão desses conceitos entre os dois por meio da produção de prazer. O corpo na psicanálise é marcado pela capacidade de organização por meio da sexualidade.

A relevância do presente trabalho está na possibilidade de se debruçar sobre como o ego se faz corpo nesse processo ou vice-versa e, assim, contribuir por meio de um trabalho que organize essas compreensões para que sejam úteis na aplicação de questões relacionadas aos tema-chaves do trabalho como: analisar qual relação patológicas o ego pode estabelecer com seu corpo. Ao nascermos, somos um corpo de carne que, ao vir ao mundo, precisa dos cuidados e do auxílio de outras pessoas. O corpo fornece sensações por meio dos estímulos do ambiente que lhe sobrevém e sensações internas, inserindo o organismo em uma série de estímulos prazerosos e desprazerosos.

O ego segundo Freud (1930 /1996) não existe desde o início, já as pulsões estão presentes. Como o ego se desenvolve a ponto de ter certo domínio motor sobre o corpo e se identificar com uma imagem e características do que a psicologia chamaria de personalidade que julga ser sua?

Freud (1915/1996) posiciona o investimento no próprio corpo como autoerotismo e o narcisismo da mesma forma, porém com uma sutil diferença na sua estruturação. Isso indica para uma trilha pulsional no autoerotismo, em que a busca para obtenção do prazer e evitamento do desprazer é inicialmente “aleatória” em partes de todo o corpo. Esses trilhamentos são pouco a pouco norteados pela erogeneidade de determinadas zonas, as chamadas zonas erógenas. A partir disso, teceremos considerações sobre o que Freud chama de ego real e ego prazer e como esses conceitos se organizam na via do princípio do prazer e da realidade.

O objetivo geral que norteia as questões que surgem durante o trabalho é discutir a ideia de corpo em psicanálise e como ela se relaciona com a organização

do ego; apresentar como Freud descobre o estatuto erógeno do corpo a partir da clínica da histeria. Além disso, o trabalho se ocupa de descrever como ele organiza essa descoberta e a articula com a sexualidade infantil, precisar como se constitui o conceito de narcisismo para Freud e suas articulações com o corpo e o eu. Por fim, a pesquisa relaciona com a teorização de Lacan a partir das relações imaginárias com o outro no Estádio do Espelho.

O processo metodológico elaborado para tentar suprir a demanda da questão surge por meio de quadro e de reflexões puramente teóricas de autores da práxis psicanalítica Sigmund Freud e Jacques Lacan, buscando no acervo de seus escritos palavras chaves: “corpo”, “ego”, “psicanálise”, “narcisismo”, “Freud” e “Lacan” em bancos de dados referente aos livros dos autores acima citados. Com a revisão bibliográfica, busca-se extrair uma porção atual do conteúdo em foco relacionado ao corpo e contextualizar com a estruturação do ego.

... o domínio da bibliografia fundamental, através da qual tomamos conhecimento da produção existente: podemos aceitá-la, rejeitá-la e com ela dialogar criticamente. Sobretudo em ciências sociais a leitura bibliográfica é vital, porque, mais do que resultados já obtidos, temos discussões intermináveis, que só conseguimos acompanhar pela leitura assídua. O domínio dos autores pode ajudar muito a criatividade do cientista, porque através deles chega a saber o que dá certo, o que não deu certo, o que poderia dar certo, e assim por diante. (DEMO, 1941, p. 24).

Como coloca o autor, além do domínio da bibliografia, outro procedimento que auxilia o processo de crescimento científico é a instalação de uma discussão aberta, problematizando as vias do conhecimento e buscando de outras. A via de conhecimento acerca da metodologia se encaminhará primeiramente pela dúvida como problema de pesquisa e, a seguir, por críticas e indagações sobre a própria metodologia, considerando que é por meio desta via que o conhecimento vai se constituir enquanto pesquisa. Dessa forma, a metodologia também pode ser uma questão geradora de problemas e dúvidas.

O material é selecionado a partir de sua correlação com a proposta do trabalho. A pesquisa é realizada até se assegurar que os dados encontrados são suficientes para responder à questão, ou, quando as informações atingem um ponto de saturação, ou seja, o ponto em que essas informações começam a se repetir. A coleta de dados segue o roteiro de leitura e elaboração de fichas, com resumos de cada texto.

A bibliografia utilizada remonta aos escritos de Freud e Lacan para fundamentar

as argumentações durante o trabalho. As versões escolhidas para o exercício do trabalho em curso foram todas lidas a partir do idioma português, tratando-se de uma tradução das obras. Sobre esse aspecto, vale ressaltar aos leitores que em alguns momentos o trabalho dos tradutores acaba por empregar termos que podem levar aos leitores percepções diferentes do sentido no qual o autor emprega. Enquanto isso, devemos fazer o seguinte esforço mental em substituir os termos “instinto” por “pulsão”, “instintual” por “pulsional”, “repressão” por “recalque” e “catexia” por “investimento”. No texto *A repressão (1915)*, existe uma nota de rodapé onde o tradutor fala sobre a possibilidade de um argumento para essa distinção:

Há estudiosos de Freud que usam “repressão” para verter *Unter-drückung* e “recalque” para *Verdrängung*, enquanto outros adotam “supressão” e “repressão”. Em *As palavras de Freud*, op. cit., capítulo sobre *Verdrängung*, procuramos mostrar que há argumentos para as duas opções, e até mesmo para a eventual não distinção entre *Unterdrückung* e *Verdrängung*, que às vezes são usados alternadamente por Freud. (FREUD, 1915/1996, p. 73).

Trieb tem sua origem do alemão, *treiben*, que quer dizer ‘empurrar’, enquanto *instinkt*, tem sua etimologia do latim e se refere ao mesmo sentido do termo acima como ‘empurrar’. O instinto denota uma determinação de um imperativo biológico, sendo preestabelecido seu objeto de satisfação, enquanto a pulsão indica uma plasticidade em relação ao objeto. Entretanto, podemos notar que tanto a pulsão quanto o instinto contêm características semelhantes: ambas buscam ocasionar uma ação apaziguadora do estado de tensão e são forças que suscitam ação (seja por meio de um estímulo externo ou como um estímulo interno) em que se satisfazem por meio de um objeto.

Durante muito tempo o saber médico sobre a sexualidade fundamentou-se na noção de instinto sexual, o que indicaria que a sexualidade teria supostamente um objeto e comportamentos preestabelecidos, sendo inerentes a toda espécie, portanto, inato, acarretando propagar discursos patologizantes sobre a sexualidade que foge à heteronormatividade. A noção de instinto conserva a ideia de uma suposta natureza da sexualidade humana, permitindo dicotomizar e apresentar o que seria o normal e o patológico como as perversões concebidas como desvios negativos em relação a um padrão de normalidade. Doravante sua perspectiva ser diferente da maioria dos neurologistas da época, Freud funda um novo estatuto para o corpo que deixa de restringir à sua condição puramente somática e articula sua relação com o psíquico.

2 A CLÍNICA COM AS HISTÉRICAS

A formação acadêmica de Freud inicia a partir de uma base médica biológica e orgânica. Talvez isso explique sua linguagem médica, alguns de seus exemplos e suas metáforas, pois, suas concepções iniciais sobre o corpo estariam ligadas ao biológico. Sua prática clínica o leva a questionar conceitos orgânicos biológicos, pois não era possível, por meio de exames anatômicos ou fisiológicos, propor um tratamento ou postular uma etiologia precisa das patologias de seus (suas) pacientes.

Freud parte da clínica com as histéricas, o termo derivado do francês *hysterie* significa “útero” faz referência a uma concepção que remete a época de Hipócrates (460 a.C- 370 a.C) onde os sintomas são

neuralgias e anestésias dos mais diversos gêneros e que frequentemente duraram anos, contraturas e paralisias, ataques histéricos e convulsões epileptóides que todos os observadores haviam tomado por verdadeiras epilepsias, *petit mal** e afecções da natureza de tiques, vômito contínuo e anorexia que chegava à recusa de alimento, os mais variados distúrbios da visão, alucinações visuais sempre recorrentes etc. (FREUD, 1893-1895/1996, p.17).

Eram vistos pelos médicos como fingimento, mentira ou “coisa de mulher”, pois os sintomas não tinham afecções orgânicas, logo, o exame diagnóstico era impreciso, já que o corpo e seus órgãos não tinham nenhuma alteração anatômica visível. Nesse momento, movido a partir das suas experiências clínicas, o médico neurologista escuta suas pacientes e percebe que havia um nexo entre vivências desagradáveis que os sujeitos não lembravam e muitas vezes não faziam a conexão entre o evento traumático e o fenômeno patológico. No campo do psíquico, Freud percebeu a relação desse evento traumático com a sexualidade, implicando um novo campo de determinações relativas ao que chamaria de erogenização do corpo. Sobre a etiologia nos casos de histeria, Freud, a partir da fala de suas pacientes, percebe a ligação com a ideia de um trauma: “Toda vivência que suscita os penosos afetos de pavor, angústia, vergonha, dor psíquica, pode atuar como trauma psíquico; se isso de fato acontece depende, compreensivelmente, da sensibilidade da pessoa afetada” (FREUD, 1893-1895/1996, p.19). A etiologia dos sintomas está ligada ao papel da sexualidade na patogênese histérica, pois os sintomas seriam fruto de um conflito entre um conteúdo mnêmico de ordem sexual e de outro lado recusas como vergonha, nojo e moral. Em alguns casos, o autor ressalva a existência de uma completa

ignorância sexual até depois de atingida a maturidade. Portanto, “a análise psicológica pode sempre revelá-lo e solucionar o contraditório enigma da histeria, assinalando o par de opostos constituído por enorme necessidade sexual e exacerbada rejeição da sexualidade” (FREUD, 1905/1996, p. 61).

Freud (1905) caracteriza o desprazer como um aumento, e o prazer, uma diminuição dessa quantidade de excitação, desta forma, mediante a quantidade, o aparelho psíquico pode não conseguir proteger-se. Designamos como traumático esses episódios, que, por meio do mecanismo de recalque, o organismo tenta se defender a partir da ação psíquica de exclusão ou afastamento da lembrança, fazendo com que esses eventos que geram uma quantidade de desprazer sejam mantidos afastados da consciência, onde a energia ligada ao evento é levada para outra via, como um leito obstruído, “deve-se ter em conta, não equivale a uma anulação. Nisso as excitações correspondentes são geradas como antes, mas, por obstrução psíquica, são impedidas de alcançar sua meta e empurradas para muitas outras vias, até se expressarem como sintomas” (FREUD, 1905/1996, p. 164).

O papel da educação e dos pedagogos é relevante na construção das represas onde incide o recalque das pulsões. Assim, com o acúmulo de energia que busca por vias colaterais o escoamento da tensão, como em fluxo de um rio em que o canal é obstruído, cria-se um fluxo por onde o rio segue, o desvio feito renova o redirecionamento do seu curso para outro destino.

As águas que encontram um obstáculo no leito do rio refluem para cursos antigos, que estavam destinados ao abandono. As forças motrizes que levam à formação dos sintomas histéricos provêm não só da sexualidade normal reprimida, mas também dos impulsos perversos inconscientes. (FREUD, 1905 /1996, p. 227).

Na histeria, o paciente se encontra incapaz de lidar com o conteúdo inconsciente insuportável de ordem sexual e manifesta-se por meio de um sintoma somático a ele relacionado. Tal conflito, Freud o articulou em termos de um aparelho energético, referindo-se a uma energia sexual em ação que está obstruída e que força seu escoamento para a via somática. A esse mecanismo dará o nome de conversão, pois as vias de escoamento psíquica foram obstruídas. Assim, a energia ligada se expressa por meio de sintomas no corpo.

retidas no estado de inconsciência, buscam uma expressão adequada a seu valor afetivo, uma descarga, e a encontram, na histeria, mediante o processo

da conversão, em fenômenos somáticos - os sintomas histéricos. Com o auxílio de uma técnica especial, seguindo determinadas regras, os sintomas são transformados de volta em ideias investidas de afetos, tornadas conscientes, e podemos obter conhecimentos precisos sobre a natureza e a origem dessas formações psíquicas anteriormente inconscientes (FREUD, 1905/1996, p.61).

A energia sexual, mediante o processo de conversão, passaria de uma excitação puramente psíquica para o domínio do corpo, portanto, o sintoma estaria ligado a uma questão econômica - os sintomas seriam substitutos da energia sexual que encontrou obstáculos para sua descarga pela via psíquica e que se deslocaram para alguma parte do corpo ou órgão.

Dessa forma, o aparelho psíquico afasta o conteúdo ideativo da consciência para o inconsciente e desvia a cota de energia ligada ao *trauma* para uma área do corpo onde se produz o sintoma.

a repressão exige, isto sim, um constante gasto de energia, cuja cessação colocaria em perigo o seu êxito, de modo que um novo ato de repressão se tornaria necessário. É lícito imaginar que o reprimido exerce uma contínua pressão na direção do consciente, a qual tem de ser compensada por uma ininterrupta contrapressão. Portanto, manter uma repressão pressupõe um permanente dispêndio de energia, e a sua eliminação significa, economicamente, uma poupança. (FREUD, 1915/ 1996, p. 66 – 67).

Notemos que a energia que o aparelho ordenou para afastar o conteúdo da consciência é constante, ela é desviada e acha-se sobre a soma e apodera-se de uma parte do corpo.

Pode-se julgar completamente falha o recalque da histeria [de conversão], na medida em que foi tornada possível somente por formações substitutivas extensas; mas quanto à forma de dispor do montante afetivo, a verdadeira tarefa do recalque, ela significa geralmente um completo êxito. Na histeria de conversão, o processo de repressão é concluído com a formação de sintomas. (FREUD, 1914 -1916/1996, p. 71).

O recalque não impede a formação e conexão de novos derivados. Contudo, isso requer um investimento de energia em processos psíquicos que se mantêm fora da consciência, enquanto o aparelho psíquico investe outras tentativas de representação, pois “o recalque propriamente dito, afeta os derivados psíquicos da representante reprimida ou as cadeias de pensamentos que, originando-se de outra parte, entraram em vínculo associativo com ela” (FREUD, 1915/1996, p.64); como acontece na histeria, pois o recalque age sobretudo mantendo uma ideia afastada da consciência e essas conferem sua excitabilidade para o corpo, ou quando a ideia se

associa a uma outra por meio do mecanismo de deslocamento, uma ideia se liga a outra e sua cota de energia é deslocada.

Dizemos então que se acha em estado de “inconsciente”, e podemos oferecer boas provas de que também inconscientemente ela pode produzir efeitos, inclusive aqueles que afinal atingem a consciência. Tudo que é reprimido tem de permanecer inconsciente, mas constatemos logo de início que o reprimido não cobre tudo que é inconsciente. O inconsciente tem o âmbito maior; o reprimido é uma parte do inconsciente. (FREUD, 1915/1996, p. 75).

Por conta do mecanismo do recalque, parte dos traços de memória associam-se com outras memórias por meio do deslocamento, que pode ser para uma outra ideia ou quando ela se mostra por meio do corpo chamamos conversão.

Boa parte da sintomatologia das neuroses, que eu relaciono a distúrbios dos processos sexuais, manifesta-se em distúrbios de outras funções do corpo, não sexuais, e esse efeito, incompreensível até agora, torna-se menos misterioso se representar apenas a contrapartida das influências que regem a produção da excitação sexual. (FREUD, 1905/1996, p.119).

A ideia se desloca e, juntamente à energia a ela associada, segue o deslocamento, a energia “livre” desloca-se para uma outra ideia por meio do caminho associativo. Portanto, Freud com as histéricas notou que o deslocamento dessa energia sexual ligada ao evento traumático deslocou-se para outras zonas corporais.

Desse modo, representações que originalmente só tinham uma carga *fraca* de intensidade recebem a carga de representações que eram originalmente mais *intensamente* “catexizadas”, e acabam por adquirir força suficiente para lhes permitir forçar entrada na consciência. Tais deslocamentos não constituem nenhuma surpresa para nós quando se trata de lidar com quantidades de *afeto* ou com as atividades motoras em geral. (FREUD, 1900/1996, p.155).

O recalque teria como meta afastar o desprazer, ou seja, agiria quando o investimento sinalizasse um aumento de tensão insuportável, para o aparelho psíquico, o que faz com que sejam afastados da consciência a representação e seus derivados. Entretanto, constantemente nos lembramos de memórias que suscitam desprazer, contudo, ao retornar com vivacidade e amiúde, a energia ligada à memória se desgasta e perde parte da sua quantidade de energia ligada a ela (desprazer/prazer), como ocorre quando já se tem ouvido uma piada antes, essa torna-se menos engraçada pelo fato de que já foi vivida antes.

cada sintoma histérico desaparecia de imediato e sem retorno, quando conseguíamos despertar com toda clareza a lembrança do acontecimento motivador, assim avivando igualmente o afeto que o acompanha, e quando, em seguida, o doente descrevia o episódio da maneira mais detalhada possível, pondo o afeto em palavras. Recordar sem afeto é quase sempre ineficaz; o processo psíquico que ocorreu originalmente deve ser repetido da maneira mais viva possível, levado ao status nascendi e então “expresso”. Nisso, quando se trata de fenômenos envolvendo estímulos, eles (espasmos, nevralgias, alucinações) reaparecem uma vez mais com toda a intensidade e depois desaparecem para sempre. Falhas funcionais, como paralisias e anestésias, desaparecem do mesmo modo, naturalmente sem que sua intensificação momentânea seja nítida. (FREUD, 1893-1895/1996, p. 20).

O sintoma histérico seria a manifestação de uma ideia inconsciente que cedeu sua cota de energia a uma outra ideia e se manifesta de forma distorcida no próprio corpo.

A psicanálise elimina os sintomas dos histéricos com base na premissa de que são o substituto - como que a transcrição - de uma série de processos psíquicos, tendências e desejos investidos de afetos, que um processo psíquico especial (o recalque) privou do acesso à resolução mediante a atividade psíquica capaz de consciência (FREUD, 1905/1996, p. 61).

O recalque sexual, conforme dissemos acima, pode ser entendido como algo que obstrui o investimento em traços de memória e objetos que possam gerar desprazer. Por outro lado, isso gera um acúmulo de tensão que também está relacionado com o aumento de desprazer. À medida que o desprazer aumenta, a exigência de descarga torna-se mais necessária. Como o investimento naquilo que poderia permitir livremente o escoamento da energia encontra-se barrado, a energia é empurrada para outro domínio e expressa-se por meio de sintomas no corpo.

3 A SEXUALIDADE INFANTIL

Através da prática clínica com as histéricas, o autor deu seus primeiros passos para pensar o estatuto do corpo erógeno - um corpo sensível às excitações sexuais onde suas zonas podem se tornar centro de múltiplos investimentos de sensações

se, tomando uma área do corpo, chamarmos sua atividade de enviar estímulos sexualmente excitantes para a psique de *erogenidade*, e se refletirmos que as considerações da teoria sexual há muito nos habituaram à concepção de que algumas outras áreas do corpo — as zonas erógenas — podem agir como substitutas dos genitais e comportar-se de maneira análoga a eles, então só teremos que arriscar um passo mais. (FREUD, 1914/1996, p. 19).

Por zona erógena podemos entender, conforme o autor, como “parte da pele ou mucosa em que estímulos de determinada espécie provocam uma sensação de prazer de certa qualidade” (FREUD, 1905/1996, p. 87). O autor deu luz a um novo conceito de corpo e, assim, elabora o conceito de um corpo sensível a partir da estimulação sexual, um corpo permeado por zonas que remove a excitação mediante estimulação adequada.

Em um primeiro momento, o bebê busca o apaziguamento da tensão no próprio corpo, que também é fonte de estímulos. O autoerotismo se refere a esse momento em que o corpo é alvo de investimentos que proporcionam satisfação em zonas com uma disposição orgânica privilegiada. Essa forma de satisfação consiste na estimulação da zona, tornando sua forma de satisfação autoerótica.

A amnesia, que ocorre no período da tenra infância e acontece com frequência, mas não em todos os casos, Freud concluiu que estaria relacionada com uma questão sexual que sempre esteve ali, uma ênfase no período de idade infantil passa a ser visto como algo histórico. A relevância desse período é afirmada sempre como importante fator na constituição da vida sexual e sua organização. “Já em 1896 enfatizei o significado dos anos da infância para o surgimento de fenômenos importantes ligados à vida sexual, e desde então não cessei de colocar em primeiro plano o fator infantil na sexualidade” (FREUD, 1905/1996, p.77 -78). No período da infância em que as funções reprodutivas ainda não estão desenvolvidas, esta condição torna a sexualidade humana dependente de outra meta diferente da reprodução, portanto, nesse período “seriam perversos em si, partindo de zonas erógenas e sendo carregados por pulsões” (FREUD, 1905/1996, p. 81).

O conceito de pulsão será útil na medida em que permite compreender que o corpo é inicialmente recortado por zonas que são investidas libidinalmente. A pulsão é um dos principais conceitos da psicanálise. É conceituada por Freud primeiramente como algo na fronteira entre o psíquico e o somático. Essa conceitualização aparece em alguns momentos da sua escrita, como uma força constante que tem sua fonte dentro do próprio corpo, uma força psíquica que exige trabalho de dentro para fora (FREUD, 1915). Apesar de o termo ser apresentado em outros livros, é no artigo *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), que nos interessa no momento, que o autor definiu

Por "pulsão"[Trieb] não podemos entender, primeiramente, outra coisa senão o representante psíquico de uma fonte endossomática de estímulos que não para de fluir, à diferença do "estímulo", que é produzido por excitações isoladas oriundas de fora. Assim, "pulsão" é um dos conceitos na demarcação entre o psíquico e o físico. A mais simples e imediata suposição sobre a natureza das pulsões seria que eles não possuem qualidade nenhuma em si, devendo ser considerados apenas como medida da exigência de trabalho feita à psique. O que diferencia as pulsões uns dos outros e os dota de atributos específicos é a relação com suas fontes somáticas e suas metas. A fonte do pulsões é um processo excitatório num órgão, e sua meta imediata consiste na remoção desse estímulo no órgão. (FREUD, 1905/1996, pp. 66-67).

Por pulsão podemos entender uma forma que surge dentro do organismo, provocando um processo excitatório no órgão, que surge como uma força de exigência de trabalho ao corpo físico por meio de um processo psíquico, que busca o encontro com o prazer do órgão onde surge a excitação, sua meta consiste na remoção da excitação.

O conceito da época de "perversão" considerava como todo e qualquer desvio da sexualidade que não tivesse como meta a reprodução da espécie e como objeto ao sexo oposto com esse propósito, ou seja, qualquer desvio que passasse pela sexualidade puramente pelo erógeno que não tivesse como meta a reprodução. Sua investigação o leva a formular que a constituição da sexualidade e as ditas perversões ou aberrações estão articuladas de modo comum na constituição psíquica "normal", fazendo com que ele questionasse o conceito de perversão vigente.

Vamos introduzir duas expressões técnicas: se denominarmos objeto sexual a pessoa da qual vem a atração sexual, e meta sexual a ação à qual o instinto impele, a observação, cientificamente filtrada, indica numerosos desvios no tocante aos dois, objeto sexual e meta sexual, e a relação entre eles e a norma suposta requer uma investigação aprofundada. (FREUD, 1905/1996, p. 21).

Portanto, os traços de perversão corresponderiam a um desvio da meta e/ou do objeto sexual, focando expressamente na relação de prazer. Isso implicaria em dizer a partir das concepções da época que os perversos sobreporiam o prazer sobre a reprodução da espécie (desvio da meta) e a escolha do objeto não teria relação alguma inicialmente com a finalidade de reprodução. “Considera-se meta sexual normal a união dos genitais no ato denominado copulação, que leva à resolução da tensão sexual e temporário arrefecimento da pulsão sexual (satisfação análoga à saciação da fome)” (FREUD, 1905/1996, p. 40).

A partir das patologias ou “anomalias”, o autor observa as disposições e relaciona com o modo considerado como do desenvolvimento “normal”. Nos casos de pessoas “normais” havia certo grau de “anomalias”, logo, ele recorre a buscar o que levou cada um deles ao seu destino.

“A conclusão que agora se apresenta para nós é que, de fato, há algo congênito na base das perversões, mas algo que todos os seres humanos têm em comum, que, como predisposição, pode oscilar na intensidade e ser enfatizado pelas influências da vida” (FREUD, 1905/1996, p. 71).

A existência de inclinações perversas ditas “anormais” se manifesta espontaneamente na infância.

Se a perversão não surge ao lado do que é normal (meta sexual e objeto), quando circunstâncias favoráveis a promovem e desfavoráveis impedem o normal; se, em vez disso, ela reprime e toma o lugar do normal em todas as circunstâncias (FREUD, 1905/1996, p. 57).

Freud se utiliza do conceito de pulsão para definir a neurose como um conflito entre pulsão sexual e o recalque desta. Por meio desse conflito, a pulsão converte-se em sintomas, podemos depreender que se neuróticos pudessem manifestar suas fantasias em atos seriam perversos.

Os investimentos que se desenvolvem à custa da sexualidade na neurose são recalcados e sofrem distorções até chegar à consciência.

O conhecimento obtido em casos considerados anormais nos diz que neles há apenas, entre instinto sexual e objeto sexual, uma soldagem, que arriscamos não enxergar devido à uniformidade da configuração normal, em que a pulsão parece já trazer consigo o objeto. Assim, somos levados a afrouxar a ligação entre instinto e objeto que há em nossos pensamentos. É provável que a pulsão sexual seja, de início, independente de seu objeto, e

talvez não deva sequer sua origem aos atrativos deste. (FREUD, 1905/1996, p.38).

A ligação da pulsão ao objeto se faz por meio de uma soldagem em que a possibilidade de satisfação é a única exigência para a sua. O objeto pode mudar a cada vez, assim, não existe um objeto da pulsão, mas uma gama imensa que inclui os objetos do mundo externo e o próprio corpo como forma de investimento. Essa relação, portanto, não é natural.

As observações feitas no “ato de chupar ou sugar, que aparece já no lactente e pode prosseguir até o fim do desenvolvimento ou se conservar por toda a vida, consiste na sucção, repetida de maneira rítmica, com a boca (os lábios), sem a finalidade da alimentação” (FREUD, 1905/1996, p. 82). Dessa forma, a sexualidade em seu estado inicial refere-se a um ponto de cruzamento entre a vida e a satisfação sexual, já que a sexualidade nasce apoiada sobre uma função biológica essencial para a sobrevivência humana – a alimentação como um intercruzamento entre a pulsão sexual e a autopreservação.

Os sons emitidos pelo bebê entendidos como gritos, indicam que o humano nasce em uma condição de desamparo, denotam a importância de outro para solucionar suas necessidades e assegurar a sobrevivência do bebê. O cuidador (a) ao ouvir/ver o choro, gritos, pontapés do bebê, interpreta o chamado como fruto de algum incômodo interno ou externo que deve ser abolido, geralmente, interpretado como necessidade de nutrição alimentar, é por meio do grito que o cuidador (a) oferece o seio ou algum substituto nutritivo que possa apaziguar a tensão exercida pela necessidade.

As primeiras satisfações sexuais autoeróticas são experimentadas em conexão com funções vitais de autoconservação. As pulsões sexuais apoiam-se de início na satisfação da pulsão do ego, apenas mais tarde tornam-se independentes deles; mas esse apoio mostra-se ainda no fato de as pessoas encarregadas da nutrição, cuidado e proteção da criança tornarem-se os primeiros objetos sexuais, ou seja, a mãe ou quem a substitui. (FREUD, 1914/1996, p. 22).

As primeiras satisfações sexuais autoeróticas são experimentadas apoiadas em funções vitais de autoconservação, existindo uma confluência em um único objeto que reúne o dualismo pulsional (pulsão sexual e pulsão de autoconservação). Essa escolha de objeto pela criança é realizada a partir de suas vivências de satisfação ligadas ao fato de que as pessoas encarregadas da nutrição, do cuidado e proteção

da criança, tornarem-se os primeiros objetos sexuais, ou seja, a mãe ou quem a substitui.

A meta sexual da pulsão sexual infantil consiste em gerar a satisfação por meio da estimulação apropriada da zona erógena escolhida de uma forma ou de outra. Tal satisfação deve ter sido vivenciada anteriormente, deixando assim a necessidade de ser repetida, e não deve nos surpreender que a natureza tenha encontrado meios seguros para não deixar ao acaso essa vivência da satisfação. Já vimos o arranjo que cumpre essa finalidade no que diz respeito à zona labial, é a vinculação simultânea dessa parte do corpo com a ingestão de alimentos. (FREUD, 1905/1996, p. 89).

Os cuidados cotidianos por parte de quem se ocupa da criança acabam por estimular as zonas erógenas. Ocorreria assim a satisfação por meio de um estímulo externo que cessasse ou diminuísse a tensão e a excitação do órgão. Por outro lado, o cuidador (a) toma a criança como objeto sexual e realiza esse investimento na forma de sentimentos e ações como balanços, toques sobre a pele em forma de carícias em determinadas zonas, beijar, falar com a criança.

O trato da criança com a pessoa que a assiste é, para ela, uma fonte incessante de excitação e satisfação sexuais vindas das zonas erógenas, ainda mais que essa pessoa - usualmente, a mãe - contempla a criança com os sentimentos derivados de sua própria vida sexual: ela a acaricia, beija e embala, e é perfeitamente claro que a trata como o substituto de um objeto sexual plenamente legítimo (FREUD, 1905/1996, p. 42).

Conjuntamente a essa disposição para sugar qualquer parte do próprio corpo de maneira repetida sem a finalidade de alimentação, aparece também a ação de agarrar, chutar, empurrar, puxar, que, em conjunto com a primeira (sugar), pode ser posta em ato concomitantemente, como por exemplo: o sugar acompanhado de uma fricção rítmica de partes do corpo sensíveis, como o peito, barriga ou genital externo. “Por essa via, muitas crianças passam da sucção à masturbação” (FREUD, 1905/1996, p.82-83).

Freud (1905) descreveu uma sensação de comichão projetada na zona erógena, ela é o início do processo excitatório que aumenta a tensão e prepara o organismo, “a pulsão surge a partir de um processo excitatório em um órgão e sua meta consiste na remoção desse estímulo no órgão” (FREUD, 1905/1996, p. 67), tendo como fonte o próprio corpo, sua meta estaria ligada a ação de buscar substituir por um estímulo externo a anulação da sensação de comichão percebida como desprazer e com isso gerar sensação de satisfação por meio da ausência ou

diminuição da tensão projetada nas zonas erógenas.

Compreendem-se as pulsões parciais a partir dos três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade (1905): impulsos espalhados pelo corpo que produzem uma tensão e se apaziguam ali mesmo em geral, sem conexão entre si, de forma independente, somente mais tarde na puberdade essas zonas erógenas entrarão em relação com a vida genital. A partir dos lugares onde se produzem, podemos diferenciá-las, como: a pulsão do prazer em olhar e o prazer em ser visto (voyeurismo e exibicionismo), os pares de opostos (ativo e passivo) que se desenvolvem na infância, desenvolvem-se de maneira anárquica como um jogo livre à procura de satisfação, onde a excitação e a satisfação se produzem no mesmo órgão. “Dessa espécie são as pulsões de voyeurismo e exibicionismo e de crueldade, que surgem com certa independência das zonas erógenas e apenas mais tarde entram em relações estreitas com a vida genital” (FREUD, 1905/1996, p. 99).

Conforme os investimentos das pulsões parciais, abre-se caminho para pensar diferentes perspectivas de constituições do corpo, conforme a preponderância de cada investimento pulsional em cada zona, “abre-se a perspectiva de podermos diferenciar múltiplas constituições assim, conforme a preponderância inata dessa ou daquela zona erógena, desse ou daquela pulsão parcial” (FREUD, 1905/1996, p. 70).

Outra importante pulsão que surge independentemente é o sadismo: “A crueldade tem relação estreita com o caráter infantil, pois o empecilho que faz o instinto de apoderamento se deter ante a dor do outro, a capacidade de compaixão, forma-se relativamente tarde.” (FREUD, 1905/1996, p. 101). Essa pulsão revela outro modo de se relacionar com objeto, ou seja: age de maneira ativa diante da dor do outro e se satisfaz sexualmente com essa posição. “A libido tem a missão de tornar inócuo o instinto destruidor e a realiza desviando esse instinto, em grande parte, para fora — e em breve com o auxílio de um sistema orgânico especial, o aparelho muscular — no sentido de objetos do mundo externo (FREUD, 1924/1996, p. 204).

O masoquismo seria composto a partir de uma porção do sadismo que se voltou contra ele próprio como um dos destinos da pulsão acima citado. O masoquismo original, erógeno, pode ser identificado junto com o prazer no sofrimento, portanto, o par do sadismo seria o masoquismo, em que são identificados como posições ativa para o primeiro e passividade para com o masoquismo, a reversão da polaridade seria outro destino da pulsão voltar-se contra a própria pessoa.

Outra porção não compartilha dessa transposição para fora; permanece dentro do organismo e, com o auxílio da excitação sexual acompanhante acima descrita, lá fica libidinalmente presa. É nessa porção que temos de identificar o masoquismo original, erógeno (FREUD, 1924/1996, p. 204).

A partir das descrições acima relacionadas aos pares sadismo/masoquismo e ao voyerismo/exibicionismo, podemos descrever a pulsão de saber como partes das pulsões parciais, a fim de compreendê-las e reconhecer a importância no processo de investigação dos objetos e de si. A investigação sexual infantil giraria em torno de solucionar o enigma que pode ameaçar toda sua existência: de onde vêm os bebês?

Suas relações com a vida sexual, entretanto, são particularmente significativas, já que constatamos pela psicanálise que, na criança, a pulsão de saber é atraída, de maneira insuspeitadamente precoce e inesperadamente intensa, pelos problemas sexuais, e talvez seja até despertada por eles. (FREUD, 1905/1996, p. 162).

A busca pela solução do enigma muitas das vezes cai sobre o efeito do recalque e se torna fora do regime da consciência, por isso é muito raro lembrar-se dessas concepções, embora possamos ter acesso a isso no mundo por meio dos contos e das histórias que contam as crianças quando buscam saber.

Mas como dois elementos permanecem desconhecidos na investigação sexual infantil, a saber, o papel do sêmen fecundante e a existência do orifício sexual feminino - os mesmos pontos, aliás, em que a organização sexual infantil ainda está atrasada -, os esforços do pequeno investigador são geralmente infrutíferos, e acabam numa renúncia que não raro deixa como seqüela um prejuízo permanente para a pulsão de saber. (FREUD, 1905/1996, p. 165.)

Esses esforços levaram a ciência ao patamar que é reconhecida hoje, a dominação e controle dos processos naturais partiram de uma busca pelo saber e obtenção de benesses por meio desse conhecimento, nesse mesmo movimento, algo pode levar o questionamento para si. Nesse momento com Freud, essa é uma possível leitura, com Lacan no último capítulo trataremos da investigação que fundaram o ego.

O investimento no corpo por meio das pulsões parciais que recortam o corpo dividindo em zonas, sendo esse prazer espalhado pelo corpo, é fundamental para compreender como o ego organiza-se, tendo como referência a relação de prazer/desprazer obtida por meio dessas zonas.

4 O CORPO E O EGO EM FREUD

A partir desta breve descrição sobre sexualidade infantil e sua relação com os objetos na fase oral primitiva do indivíduo, podemos observar que os investimentos são dirigidos ao próprio corpo recortado por zonas, em que a meta é satisfazer-se a partir da estimulação adequada da zona erógena que reduza a tensão, tornando o prazer autoerótico. A satisfação está no prazer da zona em si (oral, anal, escopofilia) isoladas uma das outras por meio de suas diferentes metas.

As excitações oriundas de todas essas fontes ainda não se conjugariam, cada uma perseguiria isoladamente sua meta, que é apenas a obtenção de determinado prazer. Portanto, a pulsão sexual, na infância, não seria centrada, e seria primeiramente sem objeto, autoerótico (FREUD, 1905/1996, p.158).

Como abordamos acima, no autoerotismo a pulsão e seus investimentos são dirigidos ao próprio corpo, governada a partir do princípio do prazer, a pulsão volta-se ao próprio corpo, obtendo prazer por meio da estimulação apropriada da zona erógena. A relação que o aparelho oral mantém com a necessidade de nutrição faz com que esse lugar se torna privilegiado por conta também da sua capacidade de produzir prazer.

O princípio do prazer, então, é uma tendência que se acha a serviço de uma função, à qual cabe tornar o aparelho psíquico isento de excitação, ou conservar o montante de excitação dentro dele constante ou o menor possível. (FREUD, 1920/1996 p.170).

As pulsões parciais antes desorganizadas e investidas anarquicamente e apaziguadas no órgão migram em direção a uma organização que se faz a partir do que é prazeroso e desprazeroso.

Retorno a linhas de pensamento já desenvolvidas noutra parte quando sugiro que o estado de repouso psíquico foi originalmente perturbado pelas exigências peremptórias das necessidades internas. Quando isto aconteceu, tudo que havia sido pensado (desejado) foi simplesmente apresentado de maneira alucinatória, tal como ainda acontece hoje com nossos pensamentos oníricos a cada noite. Foi apenas a ausência da satisfação esperada, o desapontamento experimentado, que levou ao abandono desta tentativa de satisfação por meio da alucinação. (FREUD, 1911/1996, p.50).

Esse seria um dos pontos onde a organização psíquica carece de um agente externo (um estímulo), pois a alucinação não consegue conter toda a tensão, é preciso

que algo na realidade provoque a redução da tensão, caso contrário, o organismo pode morrer.

Foi apenas a ausência da satisfação esperada, o desapontamento experimentado, que levou ao abandono desta tentativa de satisfação por meio da alucinação. Em vez disso, o aparelho psíquico teve de decidir tomar uma concepção das circunstâncias reais no mundo externo e empenhar-se por efetuar nelas uma alteração real (FREUD, 1911/1996, p. 51).

O corpo, como fonte constante da pulsão, é levado a buscar no mundo externo objetos, meios pelos quais ele busca atingir a satisfação (diminuição da carga de energia do aparelho psíquico). A decepção acarretada por não conseguir apaziguar a tensão leva à procura de modificações na realidade (FREUD, 1920/1996).

A frustração com a realidade incide sobre o princípio da realidade, que organiza o aparelho para evitar o desprazer, adiando a satisfação. Portanto, o princípio de realidade é constituído a partir do princípio do prazer.

Assim, as alucinações mantêm relação com experiências de satisfação por meio da forma como se apresentam na mente, como uma memória de satisfação que pode ser investida. Diante da insatisfação por conta da ausência do objeto real, o organismo é obrigado a abandonar pela via alucinatória já que não é possível manter-se vivo. Por meio da crescente significação que o mundo externo passa a assumir, cresce proporcionalmente a importância dos órgãos sensoriais que estão dirigidos ao mundo externo. A consciência ligada aos órgãos sensoriais se empenha na pesquisa ao mundo externo a fim de conhecer novos dados, com isso ligam-se *memória e atenção* (FREUD, 1911).

Não foi somente o alimento que acarretou a satisfação, e sim a incidência de outro, que pode vir a oferecer os meios pelos quais o bebê iria saciar sua fome. Ocorre que o modelo dessa experiência se repete sem a necessidade da alimentação, a experiência de satisfação cuja exigência vai além do simples alimento marca o aparelho psíquico. Por meio da memória, pode ser investida novamente como uma busca em torno de uma satisfação perdida, uma trajetória que visa ao reencontro da primeira experiência de satisfação. Em busca dessa primeira experiência de satisfação mítica, a criança recorre aos objetos que se encontram no próprio corpo em um primeiro momento representado pela mucosa da boca ou qualquer outra parte do próprio corpo capaz de erogenização, configurando um autoerotismo.

A descarga motora que leva a vibrar as cordas vocais chega aos ouvidos dos

outros como som da voz que é entendido como “grito”. Sua requisição é de uma ação que possibilite a descarga da tensão. O que passa a ser percebido como desagradáveis são as experiências que provêm do mundo externo e o prazeroso como interno.

Ao surgir a excitação, ela suscitará um movimento psíquico que investirá de novo a memória daquela percepção a fim de restabelecer a situação da satisfação primeira, que terá como consequência a repetição do fracasso da busca da satisfação e o encontro com a insatisfação com a falta do objeto que move a busca. Essa experiência será também uma experiência de insatisfação, uma vez que a satisfação primeira buscada jamais será reencontrada. Assim, a “experiência de satisfação” será também o resultado do encontro do traço deixado pela necessidade com o traço correspondente à percepção do objeto que irá satisfazer a necessidade. Isso revela que, desde o início, a vida sexual infantil entra em consideração com outras pessoas como objetos sexuais.

A significação crescente da realidade externa elevou também a importância dos órgãos sensoriais, que se acham dirigidos para esse mundo externo, e da consciência a eles ligada. A consciência aprendeu então a abranger qualidades sensórias, em acréscimo às qualidades de prazer e desprazer que até então lhe haviam exclusivamente interessado. Institui-se uma função especial, que tinha de periodicamente pesquisar o mundo externo, a fim de que seus dados já pudessem ser conhecidos se uma urgente necessidade interna surgisse: a função da atenção. Sua atividade vai encontrar as impressões sensórias a meio caminho, ao invés de esperar por seu aparecimento. Ao mesmo tempo, provavelmente, foi introduzido um sistema de notação, cuja tarefa era assentar os resultados desta atividade periódica da consciência - uma parte do que chamamos memória (FREUD, 1911/1996, p.3).

A atividade muscular exercida permite a orientação apropriada do que é interno e externo. Se por meio da atividade muscular é possível remover um estímulo de desprazer, isso é indicativo de que este esteja no mundo externo, já que a atividade muscular não é inteiramente suficiente para sanar incômodos internos, portanto, a realidade externa surge como fonte de desprazer.

A fase oral tem primeiramente um modelo de incorporação, no qual o objeto apresenta-se como aquilo que pode ser incorporado, o que insere o seio em uma história singular de um sujeito com esse objeto, visto primeiramente pela criança como parte do seu próprio corpo. O sujeito incorpora o que é prazeroso e, por outro lado, expulsa de si o que causa desprazer, projetando no exterior um incômodo interno. Na fase oral, o processo se exprime por meio da oposição ingerir-rejeitar. “Surge a tendência a isolar do Eu tudo o que pode se tornar fonte de tal desprazer, a jogar isso

para fora, formando um puro Eu-de-prazer, ao qual se opõe um desconhecido, ameaçador “fora” (FREUD, 1930/1996, 13).

É assim que ao Eu se contrapõe inicialmente um “objeto”, como algo que se acha “fora” e somente através de uma ação particular é obrigado a aparecer. Um outro incentivo para que o Eu se desprenda da massa de sensações, para que reconheça um “fora”, um mundo exterior, é dado pelas frequentes, variadas, inevitáveis sensações de dor e desprazer que, em sua ilimitada vigência, o princípio do prazer busca eliminar e evitar. Surge a tendência de isolar do Eu tudo o que pode se tornar fonte de tal desprazer, a jogar isso para fora”. (FREUD, 1930/1996, p. 12-13).

A fronteira com o mundo externo começa a se desenvolver a partir de sensações que no mundo externo provém como as inevitáveis sensações de dor e desprazer. Desse modo, a tendência de isolamento do mundo externo ao qual seu sentido passa a ser percebido como ameaçador, leva ao que provém de fora ser reconhecido como desprazer.

O Eu encontra-se originariamente, no começo da vida psíquica, investido por pulsões e é em parte capaz de satisfazê-las em si mesmo. Denominamos este estado de ‘narcisismo’, e essa forma de obter satisfação de autoerótica. Nesta época, o mundo externo não é investido com interesse e é indiferente à satisfação. Durante este período, o Eu coincide com o que é prazeroso, e o mundo externo com o que é indiferente (Freud, 1915/1996).

Freud afirma, portanto, que o ego não se encontra lá desde o início e sim as pulsões. Na sua pesquisa sobre sexualidade na infância, a partir das pulsões, tendo seus investimentos no próprio corpo como objeto (assim como no narcisismo), nota-se uma sutil diferença enquanto o modo como opera os investimentos. A partir da forma de satisfação autoerótica, recorrendo ao próprio corpo e às pulsões parciais espalhadas pelo corpo, ocorre uma organização dos investimentos em torno do ego. Esse modo como opera os investimentos dirigidos ao ego podemos chamar de narcisismo.

é uma suposição necessária, a de que uma unidade comparável ao Eu não existe desde o começo no indivíduo; o Eu tem que ser desenvolvido. Mas as pulsões autoeróticas são primordiais; então deve haver algo que se acrescenta ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para que se forme o narcisismo (FREUD, 1930 /1996, p.13).

Podemos ter a sensação de que ele coloca o ego no nível do que chamara anteriormente de autoerotismo, porém, o autoerotismo obtém satisfação com o próprio corpo. A diferença entre esses dois termos, reside no fato de que no começo da vida

psíquica, não existe mundo externo enquanto tal e a ideia de objeto também não está colocada como diferente, o que ocorre posteriormente na constituição do ego.

O mundo externo se divide entre as fontes de prazer e um resto que lhe é estranho. Assim, o ego assimila o mundo externo conforme o que é prazeroso como parte do ego e o que gera desprazer como ego real. “Algumas coisas a que não se gostaria de renunciar, por darem prazer, não são Eu, são objeto, e alguns tormentos que se pretende expulsar revelam-se como inseparáveis do Eu, de procedência interna” (FREUD, 1930 /1996, p.13).

Durante o processo de diferenciação entre ego e o mundo externo, o ego busca estabelecer critérios para o que seria cada um desses mundos, esse critério seria a oposição entre prazer e desprazer. Nessa divisão, o ego coincide com o que for prazeroso e agradável e o mundo externo é fonte de estímulos desprazerosos. O ego-prazer trabalha a partir do princípio do prazer, o agradável sendo incorporado e o que desagrada expulso. O ego-real funciona por meio do princípio de realidade, distingue o que é representado e o que é percebido. “Tal como o ego-prazer nada pode fazer a não ser *querer*, trabalhar para produzir prazer e evitar o desprazer, assim o ego-realidade nada necessita fazer a não ser lutar pelo que é *útil* e resguardar-se contra danos” (FREUD, 1911/1996, p. 123).

Contra o exterior existe uma proteção, as quantidades de excitação que chegam terão um efeito reduzido; em relação ao interior é impossível a proteção, as excitações das camadas mais profundas se propagam de forma direta e não atenuada no sistema, na medida em que determinadas características de seu curso produzem a série das sensações de prazer-desprazer. Sem dúvida, as excitações vindas de dentro serão, por sua intensidade e por características outras, qualitativas (e eventualmente por sua amplitude), mais adequadas ao modo de funcionamento do sistema do que os estímulos provenientes do mundo exterior. Mas duas coisas são decididas por tal situação: em primeiro lugar, a prevalência das sensações de prazer e desprazer, que são um índice para o que ocorre no interior do aparelho, sobre todos os estímulos externos; em segundo lugar, a adoção de uma conduta ante as excitações internas que provocam um excessivo aumento do desprazer. Haverá a tendência de tratá-las como se agissem a partir de fora e não de dentro, para poder usar contra elas os meios defensivos da proteção contra estímulos. Essa é a origem da *projeção*, destinada a ter um papel importante na causação dos processos patológicos. (FREUD, 1924/1996, p. 140-141).

Se tomarmos como defesa contra um aumento de desprazer interno a adição de um estímulo externo, essa conduta tende a projetar algo que está dentro no fora a fim de buscar apaziguar-se. Porém, nem tudo que é prazeroso encontra-se dentro e nem tudo que é desprazer encontra-se fora, assim, por meio da experiência é preciso

uma orientação que permita distinguir se está no mundo externo ou se está no mundo interior.

Chega-se ao procedimento que permite, pela orientação intencional da atividade dos sentidos e ação muscular apropriada, distinguir entre o que é interior — pertencente ao Eu — e o que é exterior — oriundo de um mundo externo —, e com isto se dá o primeiro passo para a instauração do princípio da realidade, que deve dominar a evolução posterior. (FREUD, 1930/1996, p. 12- 13).

A noção de conflito é retomada por Freud em O Ego e o Id (1923), onde afirma que o aparelho psíquico é formado de instâncias que se relacionam por meio conflito; “Para o ego, a **percepção** desempenha o papel que no id cabe a **pulsão**. O ego representa o que pode ser chamado de **razão** e senso comum” (FREUD, 1923/1996, p.39 - grifo nosso). O ego procura aplicar sua influência sob o mundo externo, adiando ou aceitando as reivindicações do id, e esforça-se no conflito com o princípio de prazer, que reina irrestritamente no id e se opõem ao princípio de realidade.

O ego é formado a partir de características retiradas dos objetos e assimilado como parte de si mesmo. “O id, contudo, é o seu segundo mundo externo, que ele se esforça por colocar em sujeição a si. Ele retira libido do id e transforma as catexias objetais deste em estruturas do ego.” (FREUD, 1923/1996, p.72). Sendo assim, podemos identificar no autoerotismo esse tempo mítico em que haveria somente o jogo de prazer-desprazer do id em relação ao organismo na forma da superfície nervosa do corpo. Posteriormente, há a realização do corpo como algo que articula o ego, estruturando-o à custa de transformar a energia do id em estruturas próprias e conferindo a organização do psiquismo em uma unidade. Portanto, o ego organiza a libido e seus investimentos a partir da história do id ou mesmo, podemos dizer, de sua própria “pré-história”. “Além disso, não se deve tomar a diferença entre ego e id num sentido demasiado rígido, nem esquecer que o ego é uma parte especialmente diferenciada do id” (FREUD, 1923/1996, p.53)

Tomando-se outro ponto de vista, pode-se dizer que essa transformação de uma escolha objetual erótica numa alteração do ego constitui também um método pelo qual o ego pode obter controle sobre o id, e aprofundar suas relações com ele - à custa, é verdade de sujeitar-se em grande parte às exigências do id. Quando o ego assume as características do objeto, ele está-se forçando, por assim dizer, ao id como um objeto de amor e tentando compensar a perda do id, dizendo: ‘Olhe, você também pode me amar; sou semelhante ao objeto. (FREUD, 1923/1996, p.44).

Assim, o ego funciona como um anteparo na relação do id com a realidade, formado a partir da história dos objetos que o id se relacionou, desta forma, o ego esforça-se para atender às reivindicações do id e também do mundo externo, como dois mundos. Os investimentos no ego aumentam, surge a necessidade de transformar essa libido narcísica em libido objetual e assim reconhecemos o narcisismo secundário enviando sua libido aos objetos que retornam ao ego.

Traçamos com exatidão suficiente uma característica deste estágio narcisista, no qual as pulsões sexuais, até então dissociadas, se reúnem em uma unidade, investindo o eu como objeto, vislumbramos desde agora que a organização narcisista nunca é totalmente abandonada. “Um ser humano permanece narcisista em certa medida mesmo depois de ter encontrado objetos externos para a sua libido” (FREUD, 1913/1996, p. 92).

O corpo é tratado como objeto e recorta os investimentos até antes desassociadas em torno de uma organização narcisista que não deixa de existir, mesmo depois, dos investimentos nos objetos.

Formamos assim a ideia de um originário investimento libidinal do ego, de que algo é depois cedido aos objetos, mas que persiste fundamentalmente, relacionando-se aos investimentos de objeto como o corpo de uma ameba aos pseudópodes que dele avançam (FREUD, 1914/1996, p.12).

Como um movimento de investimentos direcionado ao próprio corpo existe desde o início da vida psíquica, ele continua existindo como narcisismo primário, após ter sido cedido parte dos investimentos aos objetos se torna secundário, pois ele sai do ego, circula o objeto e volta ao ego. O caminho à satisfação passa pelo objeto para retornar ao ego (persiste o investimento no ego), assim como o corpo da ameba tem seus pés falsos que são úteis como mecanismo de locomoção, esses investimentos cedidos aos objetos levam o ego a caminhar.

“O desenvolvimento do Eu consiste num distanciamento do narcisismo primário e gera um intenso esforço para reconquistá-lo” (FREUD, 1914/1996, p.33). A ideia de narcisismo primário está vinculada às primeiras introjeções; o trato do (a) cuidador (a) revelará um momento em que o bebê será tratado como objeto majestoso. Essa super valoração que os pais depositam no filho revive o próprio narcisismo primário através do bebê. Os cuidadores (a) tendem a valorizar as atitudes dos seus bebês como se fossem únicas. Esse tratamento por meio de júbilos, beijos, carícias e mimos pode ser

abandonado, porém, todo distanciamento gera um grande esforço para reconquistá-lo.

O narcisismo primário que supomos na criança, que contém uma das premissas de nossas teorias sobre a libido, pode ser mais facilmente confirmado por inferência retrospectiva de um outro ponto do que apreendido por observação direta. Quando vemos a atitude terna de muitos pais para com seus filhos, temos de reconhecê-la como revivescência e reprodução do seu próprio narcisismo há muito abandonado. Como todos sabem, a nítida marca da superestimação, que já na escolha de objeto apreciamos como estigma narcísico, domina essa relação afetiva. Os pais são levados a atribuir à criança todas as perfeições — que um observador neutro nelas não encontraria — e a ocultar e esquecer todos os defeitos, algo que se relaciona, aliás, com a negação da sexualidade infantil (FREUD, 1914/1996 p.25).

A ideia de um narcisismo primário é vista por Freud ligada a um grande esforço para conquistá-lo novamente, apesar da organização do ego estar relacionada ao afastamento desse narcisismo primário. Ao investir em objetos no mundo externo, a libido retorna ao ego por meio de um processo secundário.

Pode ser que, através dessa introjeção, que constitui uma espécie de regressão ao mecanismo da fase oral, o ego torne mais fácil ao objeto ser abandonado ou torne possível esse processo. Pode ser que essa identificação seja a única condição em que o id pode abandonar os seus objetos. De qualquer maneira, o processo, especialmente nas fases primitivas de desenvolvimento, é muito freqüente, e torna possível supor que o caráter do ego é um precipitado de catexias objetais abandonadas e que ele contém a história dessas escolhas de objeto. (FREUD, 1923/1996, p. 43-44).

A citação acima se refere ao texto “O Eu e o Id”, nesse momento da teorização o autor se reporta à questão do caráter do ego se remeter as primeiras identificações, isso quer dizer que, quando o id representado aqui pelas pulsões, cede investimentos, o ego mais tarde surge a partir dessas introjeções feitas pelo id e se identifica com elas, dizendo: “eu sou idêntico ao seu objeto de amor, me ame”. O ego identifica-se com as sensações de prazer que corpo produz.

O Ego seria como “um monarca constitucional, sem cuja sanção nenhuma lei pode ser aprovada, mas que hesita longo tempo antes de impor seu veto a qualquer medida apresentada pelo parlamento” (FREUD, 1923/1996 p.72). Ele decide quando as reivindicações pulsionais do id devem ser atendidas, o id submetido ao princípio do prazer não admite o adiamento da satisfação. O ego tenta se esforçar para balancear os investimentos a partir do princípio de realidade e transformar em ação a vontade do id como se fosse procedente do dele.

A analogia pode ser levada um pouco além. Com frequência um cavaleiro, se não deseja ver-se separado do cavalo, é obrigado a conduzi-lo onde este quer ir; da mesma maneira, o ego tem o hábito de transformar em ação a vontade do id, como se fosse sua própria. (FREUD, 1923/1996, p. 39).

Em virtude do contato mais próximo com a realidade, o ego entra em conflito com o id para controlar as descargas motoras aos objetos que estão no mundo externo, adiando a satisfação em função da realidade. Tenta-se garantir por meio do esforço que o aparelho psíquico se mantenha em funcionamento, isso quer dizer: sem aderir completamente ao princípio do prazer e atingir o nirvana ou a morte do aparelho psíquico. O ego é levado a escolher se a tentativa de obter satisfação deve ser efetuada ou adiada ou se a reivindicação da pulsão não deverá ser pura e simplesmente recalçada.

O ego (...)Em virtude de sua relação com o sistema perceptivo, ele dá aos processos mentais uma ordem temporal e submete-os ao 'teste da realidade'. Interpondo os processos de pensamento, assegura um adiamento das descargas motoras e controla o acesso à motilidade. (...) Todas as experiências da vida que se originam do exterior enriquecem o ego (FREUD, 1923/1996, p.72).

Essa entidade também se acha ligada aos processos de censura sobre os sonhos, e, assim, dele também procede o recalque, aos quais o ego tem a tendência de excluir ou afastar da mente qualquer coisa que se oponha e se defronte com a capacidade de produzir desprazer. O ego é, nesse sentido, o responsável pelo recalque e por manter o conteúdo recalçado fora da consciência, como ocorre no exemplo da histeria de conversão: o ego por meio do mecanismo do recalque desvia para a via do corpo, convertendo a energia psíquica para a soma. Essa saída por meio do afastamento da consciência afeta o domínio motor, tendo em vista que o ego manteve-se afastado, o retorno do recalçado age sobre o corpo por meio do sintoma afetando sua capacidade de atividade motora.

Ele é a instância mental que supervisiona todos os seus próprios processos constituintes e que vai dormir à noite, embora ainda exerça a censura sobre os sonhos. Desse ego procedem também o recalque, por meio das quais procura-se excluir certas tendências da mente, não simplesmente da consciência, mas também de outras formas de capacidade e atividade. (FREUD, 1923/1996, p. 28-29).

Visto que o ego é responsável pelo controle motor do corpo e acha-se ligado

ao sistema perceptivo e estruturação da realidade, ele é acima de tudo, responsável sobre a escolha de um objeto assim como o caminho de descarga.

O ego é, primeiro e acima de tudo, **um ego corporal**; não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é, ele próprio, a **projeção de uma superfície**. Se quisermos encontrar uma analogia anatômica para ele, poderemos identificá-lo melhor com o '**homúnculo cortical**' dos anatomistas (FREUD, 1923/1996, p. 40 - grifos nosso).

Abordado como projeção de uma superfície nesse momento, o conceito de ego aborda os limites do corpo. Seu esforço para obter controle efetivo sobre o domínio motor é advindo dos investimentos na superfície corpórea através dos processos de evitação do desprazer e obtenção de prazer. As zonas onde lhe sobrevêm sensações com larga capacidade de erogenização (como: boca, ânus, genitais) balizarão a representação da imagem corporal projetada sobre essa superfície. Por se encontrar como entidade de superfície, o ego reconhece-se a partir da sua relação com o seu corpo e com outros que ele reconhece como semelhantes a partir da superfície corpórea.

Topograficamente, o ego encontra-se como projeção de uma superfície da vida psíquica, ou seja, se ele é projeção de uma superfície, existem subjacente outras camadas mais profundas onde se encontra o id, que se relacionam com ele.

Este Eu nos aparece como autônomo, unitário, bem demarcado de tudo o mais. Que esta aparência é enganosa, que o Eu na verdade se prolonga para dentro, sem fronteira nítida, numa entidade psíquica inconsciente a que denominamos Id, à qual ele serve como uma espécie de fachada. (FREUD, 1930/1996, p.11).

O ego e suas considerações estão todas ligadas a superficialidade, assim como: a superfície do corpo e sensibilidade das zonas, sua coordenação motora, cogito e representação da imagem corporal.

5 LACAN - ESTRUTURAÇÃO DO EGO

A concepção do estágio do espelho é uma das contribuições de J. Lacan como processo formador da função e organizador do ego. Se faz importante aqui na medida em que aponta como se dá o processo situado aproximadamente entre 6 - 18 meses (dados recolhidos a partir de estudos experimentais com crianças), processo esse de formação que é destacado do processo de maturação biológica e não se confunde com ele. “O sujeito antecipa-se ao acabamento do domínio psicológico, e essa antecipação dará seu estilo a todo exercício posterior do domínio motor efetivo” (LACAN, 1953, p. 96), é por meio do reflexo da forma total do corpo humano que o sujeito passa a um domínio imaginário do seu corpo, domínio esse que é orientado pela imagem refletida de si mesmo. Essa experiência de que se vê por meio de reflexo concebe uma dimensão de ponto de vista onde se passa a conceber a partir de uma imagem virtual como outro que não ele mesmo, mas que se confunde com ele e se aliena a essa imagem.

Os etologistas demonstram, no funcionamento dos mecanismos de emparelhamento, a prevalência de uma imagem, que aparece sob a forma de um fenótipo transitório por modificações do aspecto exterior, e cuja aparição serve de sinal, de sinal construído, quer dizer, de Gestalt, e agita os comportamentos e a reprodução. A embreagem mecânica do instinto sexual é, pois, essencialmente cristalizada numa relação de imagens, numa relação eu chego ao termo que vocês esperam - imaginária. (LACAN, 1953, p.144).

Lacan propõe o estágio do espelho, a partir de certos dados extraídos da psicologia da criança diante de sua imagem no espelho e dados de outros animais, como o exemplo do gafanhoto.

Do mesmo modo, no gafanhoto migratório, a transição da forma solitária para a forma gregária, numa linhagem, é obtida ao se expor o indivíduo, numa certa etapa, à ação exclusivamente visual de uma imagem similar, desde que ela seja animada por movimentos de um estilo suficientemente próximo dos que são próprios à sua espécie (LACAN, 1949/1966, p.99).

Lacan questiona-se sobre como a organização do ego é marcada pela imagem, fornecendo uma imagem ao narcisismo, e faz um retorno a Freud e aos etologistas que explicam o fenômeno sexual entre os animais e uma imagem que seria a embreagem que acopla esse comportamento. A formação da imagem nos animais desempenha papel importante sobre a reprodução. Diferente dos animais, o eu

humano é atravessado pela linguagem, Lacan recorre aos etologistas para demonstrar o humano em seu lado animalesco.

O estágio do espelho é baseado em uma descrição óptica por meio de imagens. Para fundamentar, recorre às leis da geometria e mecânica. “Para que haja óptica, é preciso que, a todo ponto dado no espaço real, corresponda um ponto só num outro espaço, que é o espaço do imaginário” (LACAN, 1953/1966, p. 93), isso quer dizer que o espaço imaginário existe a partir de um ponto real no espaço e de outro ponto que corresponda a esse espaço. O movimento de dirigir o foco da visão a um dado ponto faz com que esse lugar corresponda à formação da imagem no campo psíquico, esse é o espaço imaginário.

é através da óptica que a produção que o aparelho reproduz a chamada *imagem* o que pode ser representado por meio do nível perceptivo ou da impressão instantânea ao mesmo tempo, com isso é nos fornecida um lugar psíquico onde se estrutura exatamente o campo da realidade psíquica (...) de tudo que se passa entre a percepção e a consciência motora do eu (...) p.92 o lugar do aparelho psíquico corresponde a um ponto desse aparelho onde se forma a imagem (LACAN, 1953, p.92).

A imagem se forma a partir do que o olho a nível perceptivo consegue apreender sobre um determinado ponto no espaço, assim, temos o espaço imaginário localizado no campo psíquico como representação desse espaço onde estrutura-se a realidade.

Em termos freudianos, localiza-se a passagem do autoerotismo ao narcisismo. Esse momento, conforme Lacan, é o momento em que “o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica” (1949/1966, p.100), portanto, os outros investem nesse corpo outro por meio de júbilos e carícias, onde o bebê pode identificar-se e se conceber como um outro. “Nos reconhecemos como corpo na medida em que esses outros, indispensáveis para reconhecer o nosso desejo, têm também um corpo, ou, mais exatamente, que o temos como eles” (LACAN, 1964, p.173). A criança percebe na imagem uma forma que é aprendida como todo. O bebê é alienado com uma imagem por meio das palavras do cuidador que formarão a visão total de si próprio. A exemplo: o bebê diante do espelho, acompanhado de sua mãe sob o suporte da mesma, vê a imagem de um outro, invertido pelo efeito de espelhamento e assim se vê a partir de um reflexo guiado pelas palavras do outro. O olhar do bebê cruza com o

reconhecimento do outro, acabando por identificar-se diante do espelho com o que é sustentado pelo outro. “A função do estádio do espelho revela-se para nós, por conseguinte, como um caso particular da função da *imago*, que é estabelecer uma relação do organismo com sua realidade” (LACAN, 1949/1966, p. 100).

A visão da forma total do corpo humano é impossível de ser apreendida diretamente pelos olhos de quem observa sem o auxílio de nenhuma ferramenta que tenha a capacidade de refletir ou captar as partículas de luz que lhe sobrevém como acontece com os espelhos, com os olhos, com a água, com as telas digitais, câmeras ou com outro humano que fale. A partir desse reflexo de si próprio, o sujeito vê seu corpo como uma imagem refletida que o outro diz que corresponde com a forma do ego, estruturando-se a partir de uma imagem guiada pelo desejo do outro, fornecendo suporte para a realidade, permitindo o ego acender ao controle sensório motor por meio do controle da imagem refletida de si e pelo discurso do outro.

Seu corpo, antes fragmentado, passa a ser apreendido de outra forma, uma totalidade, portanto, a dinâmica sexual tem seu movimento a partir da formação de uma Gestalt, “a coincidência da imagem com um objeto real a reforça, lhe dá corpo, encarnação. Nesse momento, desencadeiam-se comportamentos que guiarão o sujeito para o seu objeto, por intermédio da imagem” (LACAN, 1953, p.162), assim, o conteúdo das falas e visão do corpo permite que organize o conteúdo e corpo em uma única unidade como totalidade.

Submetido a uma prematuração biológica, o bebê sofre a antecipação do sujeito. A fabricação desta imagem a qual se identifica posteriormente se transformará por ser sua imagem e semelhança ou ortopédica, como nomeou Lacan (1949). Nesse tempo mítico, temos a dialética entre natureza e cultura sintetizada no corpo por meio de um jogo entre os registros: simbólico (elementos significantes da linguagem) e imaginário (imagem especular visual). Assim, “o rompimento do círculo do Innenwelt para o Umwelt gera a quadratura inesgotável dos arrolamentos do eu” (LACAN, 1949/1966, p.100). O primeiro termo refere-se ao mundo interior e o segundo ao mundo exterior. O corte do círculo existente entre esses dois lugares, articula a noção de dentro e fora, o que estabelece e situa o limite do corpo, situando dentro de um todo a sua corporeidade, caracterizada pelo investimento narcísico. A imagem do corpo no autoerotismo de um corpo recortado por zonas erógenas e pulsões parciais é substituída pelo narcisismo como uma Gestalt.

o eu humano se constitui sobre o fundamento da relação imaginária. A função do eu, escreve Freud, deve ter eine neue psychische . . . *Gestalt*. No desenvolvimento do psiquismo, aparece algo de novo cuja a função é dar forma ao narcisismo. Não será marcar a origem imaginária da função do eu? (LACAN, 1949/1966, p.137).

É por meio do corpo que somos reconhecidos pela nossa imagem e reconhecemos o outro por meio deste processo especular do olhar e ser olhado. Isto é, o corpo e o olhar mantêm uma relação de enlaçamento com o outro da relação, a linguagem situa a imagem fornecendo suporte. “É na medida em que é no corpo do outro que ele reconhece o seu desejo que a troca se faz. É na medida em que o seu desejo passou para o outro lado, que ele assimila o corpo do outro e se reconhece como corpo” (LACAN, 1953, 1966, p.172-173), portanto, o sujeito toma consciência do seu desejo no outro, por intermédio da imagem do outro e da linguagem que lhe é dada a fantasia do seu próprio domínio.

O corpo é visto por si e por outros por meio de uma imagem (*Gestalt*) que organiza a partes. O outro cuidador (a) investe nessa imagem antes mesmo dela existir, como uma aposta de que ali pode advir um sujeito. Nessa relação de corresponder ao desejo do outro, o bebê aliena-se nessa imagem que o outro de fora reflete dele mesmo a partir do olhar de um semelhante.

A imagem corporal relaciona-se com a imagem própria que passa pelo olhar deste outro cuidador (a): “a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental” (LACAN, 1949/1966 p.100). Como indicativo, ser visto, com efeito, remete ao olhar do outro e como se ver por meio desse reflexo; produzindo um esquema ótico de se ver a partir do olhar do outro, conforme Lacan.

o outro que somos, está lá onde vimos inicialmente nosso ego fora de nós, na forma humana. Essa forma está fora de nós, não enquanto feita para captar um comportamento sexual, mas enquanto fundamentalmente ligada à impotência primitiva do ser humano. O ser humano não vê sua forma realizada, total, a miragem de si mesmo, a não ser fora de si. na o eu como talvez um outro (LACAN, 1953, p.162).

Além dessa imagem estruturar toda realidade, vale ressaltar que ela também aliena o sujeito, fornecendo suporte para realidade. O ego se vê onde não está, no fora por meio do reflexo, isso implica dizer que o que ele vê não é real, sua realidade é, dessa forma, virtual. O que é realidade para o ego é o lugar em que se posiciona em determinado ponto a vista da imagem real que corresponde ao campo psíquico, logo,

o espaço que existe entre real e virtual no campo psíquico apresenta-se como conhecimento sobre si mesmo, e ao mesmo tempo um enorme desconhecimento.

“por um lado, desempenham para o homem como para todos os outros seres vivos um papel fundamental na estruturação da realidade - por outro lado, elas devem no homem passar por esta alienação fundamental que constitui a imagem refletida de si mesmo” (LACAN, 1953, p.172).

Isso equivale dizer que o ego se constituiu a partir da relação imaginária, enquanto a realidade é constituída a partir alienação de si mesmo diante do outro.

Por meio das relações das imagens, o corpo é assimilado como uma, o ego esforça-se para obter o controle motor acompanhando a visão de um semelhante ou dele mesmo refletido no espelho, com o auxílio do registro da linguagem a imagem é posicionada. O ego projeta-se sobre a superfície corpórea abarcando sensações que sobrevém, uma emergência das sensações corporais. O corpo enquanto fonte da pulsão e receptáculo de estímulos do mundo externo insere-o em uma série de prazer e desprazer, onde os limites da superfície do corpo são abordados como zonas erógenas, capazes de enviar estímulos a psique, portanto, o corpo recortado por pulsões parciais no autoerotismo é o esboço da estruturação egóica.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Freud anuncia por meio da psicanálise que no corpo reside uma capacidade de receber e enviar estímulos que incidem sobre um aparelho psíquico, isso corresponde ao fundamento de que o ego é formado por meio desse corpo enquanto uma superfície nervosa. Esse processo de formação do ego em Freud surge ligado ao conceito de pulsão, como forma de compreender suas características de desenvolvimento; existe o corpo como fonte da pulsão, essa força que de dentro do organismo que busca algum objeto como meio de chegar à satisfação, esse objeto pode ser o próprio corpo ou algo no mundo externo, no plano do eu e do não-eu, quer dizer, no plano da economia narcísica do sujeito.

Através da pele, das mucosas, da visão, da audição, como fontes de recepção de investimentos de ordem sexual, o ego se constitui como efeito de uma organização a partir dessa capacidade de erogenização, ou seja, por meio da relação prazer/desprazer.

As crianças podem ser ditas polimorfas perversas por Freud; devido a sua capacidade de exploração de objetos sem restrição ou regras. Como a capacidade de erogenização da boca se associa a uma capacidade de nutrição, essa zona presta-se observação na infância de sua desvinculação da necessidade de alimentação.

O princípio do prazer entra em consideração com a realidade e surge a necessidade de fazer algo para que o organismo não morra por frustração em não ter conseguido aliviar a tensão. A recondução por outra via acontece por meio de influências desconhecidas, surge na tentativa de evitar o aumento da tensão por meio do adiamento ou recusa da satisfação.

O ego esforça-se para obter controle motor do corpo, as experiências que o corpo projeta na psique por meio dos estímulos do mundo externo fornecem alicerce para a estruturação da realidade. Abordado como projeção de uma superfície, apreendemos que existem uma formação primitiva da qual o ego deriva e entra em conflito quando não atende as suas necessidades, que é o id, de onde derivam os primeiros objetos.

O ego e o corpo estão estruturados seguindo a mesma lógica de projeção sobre a superfície, o que indica que o espaço íntimo de cada sujeito é uma emergência que se lança e se projeta no corpo. Esse processo de subjetivação da superfície corporal é um efeito da produção da necessidade de representação do próprio corpo. Assim, o

ego é mais uma função para lidar com o princípio de realidade e princípio do prazer em relação ao mundo do que somente um produto da experiência corporal.

As fronteiras que limitam o espaço do corpo são representadas pela pele, entretanto, o ego está sujeito a estados em que a delimitação entre ele e o mundo se torna problemática, pois, a ideia de projeção permite com que o espaço de projeção do ego seja mais amplo do que o espaço do seu próprio corpo, como a ideia de um espelho, onde a projeção de uma imagem como reflexo de um outro ponto no espaço fornece suporte para a passagem de um corpo de carne para o aprisionamento em uma imagem que cuja função é da ordem ao psiquismo.

J. Lacan retorna a Freud e ele observa que a partir do que Freud teorizou na estruturação do ego a imagem da totalidade do corpo fornece suporte para a estruturação da realidade. Lacan observou que a operação pela qual o corpo é subjetivado é da ordem do imaginário, regido pela lógica do simbólico, produzindo um investimento de uma imagem e um discurso que projeta um corpo. Essa imagem a qual o sujeito se aliena é fornecida por meio de um outro que de fora pode ver e refletir o que é visto. Nessa relação especular de ver e ser visto o sujeito se percebe como um outro, e essa armadura assumida o permitirá uma estruturação da realidade. Arriscamos um passo a mais se pudéssemos presumir que a alienação do ego provém, na medida em que o conhecimento sobre si brota de fora, e o processo de identificação com uma imagem que é superficial também é reflexo de uma posição alienante sobre si.

O próprio corpo não é passível de apreensão pela via do próprio olhar no início, o que o sujeito apreende sobre si é recebido por meio da relação com outro que reflete o que ele apreende do mesmo, ou seja, essa imagem ao qual o ego se identifica fala sobre uma construção que provém de fora e torna-se a imagem e semelhança de si. Isso equivale dizer que o ego se constitui sobre o fundamento da relação de imagens refletidas ou como Lacan coloca, o ego é efeito da produção de uma Gestalt (imagem) cuja função é dar ordem ao psiquismo.

A patologia nos apresenta como esses traços que são partes do próprio ego, como percepções, afetos e pensamentos, podem surgir como se fossem oriundos do mundo externo. Evidentemente, isso surgiu no seio do ego e, portanto, deriva dele. Logo, as fronteiras do ego podem ultrapassar os limites do corpo; esses transtornos podem ser evidenciados quando, por exemplo, pessoas que perdem um órgão fisicamente e psiquicamente ainda recebem estímulos de um órgão fantasma que

perderam. Portanto, a delimitação entre ego e o mundo se torna importante componente na vida psíquica a ser observado em algumas patologias, como a paranoia e esquizofrenia, onde partem do mundo interno as projeções de vozes, perseguições, perigo e ameaças que se lançam ao mundo externo e o ego não reconhece como parte dele.

REFERÊNCIAS

DEMO, P. **Introdução à metodologia da ciência**. 2º Ed. São Paulo: Atlas, 1987.

FREUD, S. (1987). **Estudos sobre a histeria**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (Vol.II). Trad. J. Salomão. 2ª edição. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud Vol. 5. Trad. W. I. de Oliveira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). Um caso de histeria, três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos, In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. VII). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 12). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Sobre a Introdução do Conceito de Narcisismo (1914). In **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**. Vol. 19. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

FREUD, S. **Pulsões e destinos da pulsão**. Obras Psicológicas de Freud (Vol. I). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Freud, S. (1915a/2004). O Recalque. In **S. Freud, Obras Psicológicas de Sigmund Freud, Vol. 1: Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente** (pp. 175-193). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915).

FREUD, S. Trad. Jayme Salomão. O Inconsciente (1915). In: **História do movimento Psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos**. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIV p. 165) Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. **Além do princípio de prazer**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (Vol. XVIII). Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

FREUD, S. Trad. Jayme Salomão. O Ego e o Id (1923). In: O Ego e o Id e outros trabalhos. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XIX, p. 3). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. O problema econômico do masoquismo. In: O Ego e o Id e outros trabalhos. (**Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. O mal-estar na civilização. **Edição standard brasileira das obras**

psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, J. O Estádio do espelho como formador da função do Eu (1949): Tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. In: **Escritos**. 1^o edição, (p. 96-103). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1966.

LACAN, J. **O seminário, livro 1**: Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986.